

**Fotojornalismo ambiental: a sustentabilidade do olhar***Environmental photojournalism: the sustainability of the gaze*

Rayane LACERDA<sup>1</sup>  
Carlos André DOMINGUEZ<sup>2</sup>

**Resumo**

Neste artigo, apresentamos um estudo de caso do livro fotodocumental *Veredas*, de Araquém Alcântara, tendo os preceitos do fotojornalismo e do jornalismo ambiental como chaves de leitura das imagens. O objetivo é alcançar uma compreensão teórica que corrobore aproximações possíveis entre a fotografia e as questões da natureza. Para tanto, relaciona-se Boris Kossoy e Jorge Pedro Sousa, em termos de fotojornalismo, e Roberto Belmonte, Ilza Girardi e Fritjof Capra, em termos de jornalismo ambiental. Dessa forma, delimitamos o que seria o fenômeno do fotojornalismo ambiental e alcançamos uma compreensão acerca do pensamento orgânico que nos leva para a sustentabilidade do olhar.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo. Jornalismo Ambiental. Araquém Alcântara. Sustentabilidade.

**Abstract**

In this article, we present a case study of the photographic documentary book *Veredas*, by Araquém Alcântara, with the precepts of photojournalism and environmental journalism as keys to reading the images. The aim is to achieve a theoretical understanding that corroborates possible similarities between photography and questions of nature. For this, Boris Kossoy and Jorge Pedro Sousa are related, in terms of photojournalism, and Roberto Belmonte, Ilza Girardi and Fritjof Capra, in terms of environmental journalism. In this way, we delimit what would be environmental photojournalism and we reach an understanding about the organic thinking that takes us to the sustainability of the look.

**Keywords:** Photojournalism. Environmental Journalism. Araquém Alcântara. Sustainability.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).  
E-mail: raylavisi@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).  
E-mail: cadredominguez@gmail.com

## Introdução

A fotografia, de um modo amplo, pode ser pensada como um suporte que possui caráter altamente informativo, capaz de construir sentidos e cunhar pontos de vista. Considerando-a no âmbito jornalístico, tal capacidade informativa expande-se, alcançando enquadramentos e disposições de objetos que, por meio das imagens, seleciona ou exclui elementos que compõem a narrativa de um acontecimento. Nos primórdios do fotojornalismo, entendia-se a fotografia como uma ferramenta de representação fiel da realidade. Contudo, hoje, essa ideia é amplamente questionada e compreende-se, então, que ela não deve ser conceituada como um espelho do mundo capaz de propor uma representação exata da realidade. Primeiro, porque as realidades são muitas, no plural, e não podem ser pensadas no singular. Por outro lado, se as realidades são muitas, as subjetividades são igualmente diversas e participam do ato fotográfico, complexificando-o.

O meio ambiente caracteriza-se como um conjunto de condições biológicas, físicas e químicas responsáveis por determinar o espaço em que os seres humanos se desenvolvem, segundo denominações do dicionário Priberam da Língua Portuguesa<sup>3</sup> – bem como corresponde a circunstâncias culturais, econômicas e sociais. Partindo do pressuposto de que os sujeitos e a natureza não se separam, mas convivem mutuamente, a ideia de sustentabilidade precisa estar presente nas discussões travadas a fim de considerar a preservação da vida. Nessa esteira, Capra (2006) indica que a sustentabilidade pode ser pensada como as ações determinantes sobre o meio ambiente que afetam tanto as gerações futuras quanto as gerações atuais. Questionamos, então, a prática comunicacional específica que é o fotojornalismo e sua capacidade de tratar diversas temáticas e balizar questões sociopolíticas a partir da construção noticiosa. A natureza e as problemáticas ambientais são exemplos de assuntos que podem participar intrinsecamente da cobertura fotojornalística, alcançando, inclusive, potencialidades discursivas importantes ao campo. Isso porque, quando procuramos notícias sobre o meio ambiente, encontramos manchetes que se atentam às consequências, como crimes e desastres ambientais, não havendo preocupação com uma forma mais circunscrita de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.priberam.pt/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

tratar a natureza<sup>45</sup>.

Ora, se a temática ambiental se tornou uma pauta importante até mesmo no cenário mundial, norteando conferências entre líderes de diversos países<sup>6</sup>, como ainda há um jornalismo que não aprofunda a discussão ambiental emergente? Dito de outra forma, os valores-notícia são baseados na ilegalidade e no genocídio, por exemplo, não havendo uma preocupação heurística com a natureza. Nesse ponto, acreditamos existir uma bifurcação possível através da fotografia que é guiada pelo ativismo ambiental (BELMONTE, 2015) e pelas características do jornalismo ambiental, o qual considera a natureza transversalmente no processo comunicacional (GIRARDI *et al.*, 2012).

O elemento visual, nessa esteira, pode trazer consigo os ingredientes de transformação, contemplação e inquietação acerca das questões ambientais, movimentando os olhares dos sujeitos através do suporte comunicacional da imagem. Dessa forma, perguntamos: como as características do jornalismo ambiental podem estar inseridas no fotojornalismo? A intenção é propor aproximações possíveis entre ambas temáticas, perseguindo as potências nascidas desse acordo entre o elemento visual e a abordagem ambiental. A fim de alcançar compreensões para a noção do fotojornalismo ambiental, propomos um estudo de caso do livro *Veredas*, de Araquém Alcântara (2014).

### **O filtro cultural em imagem: aspectos do fotojornalismo**

O fotojornalismo é uma combinação de sentidos, posicionamentos, afetações e afetos que participam do ato fotográfico. Para Sousa (1998), ele pode ser conceituado na divisão entre o sentido lato e o sentido restrito. O primeiro corresponde ao perceber o fotojornalismo como uma atividade que resulta em fotografias informativas, interpretativas, documentais ou ilustrativas. “Neste sentido, a actividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto; [...]” (SOUSA, 1998, p. 5). O segundo sentido, por sua vez, compreende a fotografia como um âmbito capaz de informar, mas também contextualizar e construir significações em imagens que propõem a cobertura de assuntos de cunho jornalístico – indo, muitas vezes, além da

---

<sup>4</sup> Focos de queimada na Amazônia crescem 30% em 2019 (O Globo, 2020).

<sup>5</sup> Desmatamento na Amazônia cresce 183% em dezembro em relação ao mesmo mês de 2018 (Folha de S. Paulo, 2020).

<sup>6</sup> Entre esses encontros internacionais, citamos a Conferência da Biosfera, a Conferência Rio 92 e a Conferência Rio +20, por exemplo.

cobertura em si e criando inquietações nos sujeitos que olham para a fotografia.

Nessa perspectiva, Kossoy (2014, p. 40) nos ajuda a problematizar essa questão, trazendo apontamentos sobre a fotografia como uma representação informativa da realidade: “a imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes na cena”; isto é, a fotografia tida como um método noticioso e narrativo de acontecimentos. O testemunho, mesmo que diante das problemáticas ambientais, como queimadas ou desmatamento, por exemplo, ainda assim é construído subjetivamente, como as próprias informações noticiosas no jornalismo. Por isso, a narrativa material para quem não estava presente na cena é uma abordagem possível, havendo muitos outros caminhos possíveis nessa teia de sentidos do fotojornalismo de cunho ambiental. Considerando o trabalho fotodocumental de Araquém Alcântara como um produto jornalístico o qual narra, contextualiza e testemunha acontecimentos plurais, entende-se que o sentido restrito do fotojornalismo pode ser considerado a fim de ponderar sobre os olhares possíveis sobre o mundo ali presentes.

Dessa forma, o relacionamento entre fotógrafo e público é uma maneira de pensar a criação de sentido em uma imagem e o papel social que a fotografia corrobora. Isso ocorre ao refletir sobre as mediações e os espaços sociais que o profissional dispõe em seu trabalho, considerando que os contextos de vida e as posições de mundo são particulares, com a respectiva construção interior e exterior de cada um. Nesse ponto, nos interessa a noção do fotógrafo como um filtro cultural (KOSSOY, 2014, p. 46) por meio de aspectos como a seleção dos enquadramentos e recortes visuais.

O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.

Isso nos direciona para a influência socioambiental que o fotógrafo tem, num primeiro momento, sobre a construção da fotografia, a qual, por outro lado, também denota um sentido apresentado no suporte comunicacional, considerando que “[...] a sensibilidade e a criatividade podem imprimir no resultado final” (KOSSOY, 2014, p. 47). Para tanto, buscamos compreender os resultados, apresentados em fotografia, da atuação subjetiva do olhar que se preocupa com as questões da natureza, bem como a sua relação com os preceitos do jornalismo de cunho ambiental.

## O meio ambiente em foco: aspectos do jornalismo ambiental

Inicialmente, destacamos um contraponto à ideia do jornalismo ambiental como uma especialização do próprio jornalismo. Nesse contexto, Girardi (*et al.*, 2012) problematiza a visão jornalística sobre o meio ambiente ao afirmar que a prática se expande e alcança características além da cobertura de assuntos do meio ambiente, pois compreende uma concepção independente, com pluralidade de vozes e uma visão sistêmica.

Relacionando a pluralidade de vozes, Dominguez (2012, p. 10) diz que “[...] se um significativo setor da sociedade, diretamente envolvido com um acontecimento ambiental é relegado ao silêncio, devemos buscar os porquês desta prática” – o que nos remete a ausência de uma abordagem mais circunscrita do jornalismo tradicional, como mencionado anteriormente. Isso porque, segundo o autor, a pluralidade é essencial ao jornalismo, especialmente quando se trata das questões ambientais postas no contexto da informação. Nessa esteira, Girardi (*et al.*, 2012) conversa com Dominguez (2012) ao entender que o jornalismo ambiental é uma prática caracterizada além da cobertura factual e programada, a qual compreende diferenciações relevantes quando comparada às demais ramificações do jornalismo, como a ampliação do número de fontes, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada e plural – unidos ao compromisso sociopolítico do jornalismo.

No que diz respeito a posição do jornalista ambiental, podemos, ainda, abrir discussões sobre o papel do sujeito na medida em que ele é o responsável pelo trabalho que carece de profundidade, pluralidade e qualificação necessárias. Assim, “o modo como o jornalista se relaciona com o mundo adquire alta relevância” (GIRARDI *et al.*, 2012, p. 139), partindo do pressuposto de que ele é um mediador social e trabalha, diretamente, com aspectos políticos que influenciam significações e interpretações na sociedade – assim como acontece com a subjetividade do fotógrafo.

Dessa forma, falar sobre o perfil engajado do jornalismo ambiental e a noção de valores-notícia é uma chave interessante de leitura que nos conduz ao papel do próprio fotojornalista. Belmonte (2015) explica que a morte, assim como a iminência da morte, são valores-notícia presentes no trabalho do jornalismo ambiental, na medida em que a noção de risco vai além dos seres humanos e alcança as demais espécies. Como

exemplo, podemos pensar no desmatamento da Amazônia, o qual “[...] é notícia devido ao risco de destruição da maior floresta tropical do planeta, e das espécies que lá vivem, incluindo a humana” (BELMONTE, 2015, p. 67), não havendo uma abordagem mais circunscrita em causas sociopolíticas e efeitos a longo prazo. Isso porque, para haver a cobertura ampla no âmbito jornalístico sobre estes problemas ambientais, somente com a ocorrência de uma catástrofe que poderia ser incluída nos critérios de noticiabilidade. Devido à incapacidade de ir além do rompimento da rotina (novidade) como critério de noticiabilidade, problemas da atualidade, entendidos como ‘normais’, são frequentemente ignorados com o argumento de que a abordagem mais aprofundada não traz frutos ao veículo de comunicação. Isso faz com que o jornalismo ambiental seja uma irrupção da rotina comum previamente estabelecida no jornalismo tradicional, sendo uma área capaz de proporcionar um deslocamento de percepção sobre assuntos importantes por meio da cobertura intensiva e das problematizações socioambientais.

Por isso, ainda em conversa com Belmonte (2015), entendemos que o jornalismo ambiental trabalha com uma aproximação diferenciada ao mostrar os problemas, as causas, as consequências e as soluções possíveis, descolando-se da ideia de que seria um jornalismo tradicional que tem a natureza como especialidade e tornando-se, então, um jornalismo de cunho ambiental que tem a natureza transversalmente considerada.

Afinal, por meio de uma diversidade de fontes, o (foto)jornalista ambiental “olha além das consequências em busca das causas e soluções dos problemas ambientais” (BELMONTE, 2015, p. 68). Nesse contexto, o autor explica que para haver jornalismo ambiental é necessário haver ativismo ecológico. Em outras palavras, para fazer sentido, o jornalismo que tem o meio ambiente como norte precisa ser plural, crítico e diversificado a fim de potencializar uma comunicação transformadora. De acordo com a posição crítica sobre a necessidade de o jornalismo ambiental promover transformações sociais, Girardi (*et al.*, 2012, p. 134) mantém argumentos semelhantes ao explicar que “a sociedade precisa ser confrontada com a abordagem sobre os fatores que, interligados, dão origem aos graves problemas socioambientais na construção da cidadania ambiental”. Isso nos faz retornar a Dominguez (2015, p. 196), já que ele também entende a relevância de “[...] exprimir e intervir no tecido social mostrando e demonstrando a necessidade inadiável de que seja freado o processo de desenvolvimento do sistema capitalista [...]”. Essas questões e características propostas à prática do jornalismo ambiental conduzem ao conceito de sustentabilidade trazido por

Capra (2006), discutido na próxima seção, uma vez que compreende a relação imbricada entre sujeitos e natureza a partir do pensamento sistêmico.

### **A característica orgânica do (foto)jornalismo ambiental**

A palavra *orgânico*, segundo o dicionário Aurélio (1983), significa relativo a órgão, a organização, ou seres organizados; vida orgânica, disposição orgânica; arraigado profundamente; inclinação orgânica; que tem caráter de um desenvolvimento natural, inato. Para considerar a proposta do pensamento sistêmico no campo da fotografia, propomos um pensamento orgânico no campo do jornalismo ambiental. Isso porque, dentro das discussões aqui trazidas, acreditamos ser importante destacar uma característica em específico: a interconexão entre os elementos da vida.

O pensamento sistêmico proposto por Capra (2006) relaciona-se com o jornalismo ambiental e expande determinadas concepções da sua prática sociopolítica junto a teóricos da área como Girardi (*et al.*, 2012) e Belmonte (2015). O pensamento sistêmico, ou o que Capra (2006) chama de “das partes para o todo”, passou a ser proposto por diversas áreas do conhecimento, simultaneamente, na primeira metade do século. Porém, os biólogos são considerados os pioneiros no uso dessa noção uma vez que “[...] enfatizavam a concepção dos organismos vivos como totalidades integradas” (CAPRA, 2006, p. 33). Portanto, a visão do próprio físico e cientista sobre o pensamento sistêmico e como ele opera na sociedade é fundamental para entender como esse mesmo conceito também se apresenta no jornalismo ambiental.

Inicialmente, ele explica que existe uma tensão entre as partes e o todo, pois as “a ênfase nas partes tem sido chamada de mecanicista, reducionista ou atomística; e a ênfase no todo, de holística, organísmica ou ecológica” (CAPRA, 2006, p. 33). Entretanto, o que se defende é justamente a integração e a organização entre as partes, para que elas possam ser reconhecidas como um todo, um contexto. Propomos, então, uma aproximação entre o pensamento sistêmico oriental e como ele foi capaz de influenciar transformações no modo de pensar ocidental – afinal, segundo Capra (1983), a essência da visão oriental é a consciência de que há conexão e inter-relação entre todas as coisas e eventos.

Pensando em nossa vida cotidiana, podemos notar que na prática diária não olhamos para a presença de um todo unificado e entrelaçado;

[...] em vez disso, dividimos o mundo em objetos e eventos isolados. [...] contudo, essa visão não é uma característica fundamental da realidade. Trata-se, na verdade, de uma abstração elaborada pelo nosso intelecto afeito à discriminação e à categorização (CAPRA, 1983, p. 103).

Em contraponto, o pensamento sistêmico indica, justamente, a necessidade de irrupção no olhar cotidiano, propondo uma acepção mais ampla e circunscrita entre eventos e ações por meio da ideia de que “[...] as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo” (CAPRA, 2006, p. 41). Em outras palavras, em uma sociedade que mostra, constantemente, uma desconexão com a natureza, entendemos o fundamental papel transformador de caráter político e social do jornalismo ambiental. Considerando-o como uma prática única e diferenciada que vai além de uma especialização do próprio jornalismo (GIRARDI *et al.*, 2012) a ideia de teia da vida (CAPRA, 2006) também pode ser considerada, uma vez que ela consiste na descrição dos inter-relacionamentos e das interdependências entre fenômenos psicológicos, biológicos, físicos, sociais e culturais.

Essa ideia pode ser demarcada pelo jornalismo ambiental, pois a sua prática engajada e ativista (BELMONTE, 2015) é composta por uma visão que considera as partes, mas atribui significado a um todo unido e conectado, equivalente a um sistema ou a uma teia de relações. Nessa definição, torna-se relevante lembrar que, quando se fala em um agir e um pensar sistêmico, refere-se a uma interpretação que considera as partes e suas respectivas características, mas trabalha com uma abordagem que as trata como peças interligadas de um sistema que depende delas para crescer e evoluir. Isso porque, “Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes” (CAPRA, 2006, p. 40). Trazendo para o campo do jornalismo, principalmente do jornalismo ambiental, percebe-se a relevância em entender e considerar as partes, mas de forma a colocá-las em um contexto que une ao todo. O jornalismo ambiental é um caminho imprescindível para representar esse pensamento sistêmico por meio da abordagem de temas ambientais com um recorte específico em causas, consequências e possíveis soluções que resulta em uma visão aprofundada e inquietante.

Nesse caso, causas, consequências e possíveis soluções representam as partes, mas a transformação da sociedade por meio do jornalismo ambiental representa o

pensamento sistêmico em um mundo capitalista e em desordem com os princípios da natureza. Retomando, então, a noção proposta sobre um pensamento orgânico em (foto)jornalismo ambiental, trazemos Dominguez (2015, p. 84) para ponderar sobre a própria necessidade de comunicação e troca de informação dos sujeitos, pois ela “[...] é essencial para que se possa avançar e manter o que de mais afetivo há no jornalismo. O exercício da produção de notícias é uma necessidade orgânica do ser humano”. Assim, partindo do pressuposto de que o pensamento sistêmico é a compreensão da “[...] interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza [...]” (CAPRA, 2006, p. 25), é possível entender um ponto-chave do jornalismo ambiental orgânico e da inserção do pensamento sistêmico nesse contexto. Ora, se é natural, necessário e, sobretudo, orgânico para a vida humana a cobertura da temática ambiental, é também compreensível os motivos que fazem esse jornalismo engajado considerar todas as partes e as suas relações entre si.

Compreendemos que essa forma de olhar para os assuntos ambientais trata, possivelmente, de um novo tipo de jornalismo ambiental – uma vez que, de acordo com Capra (2006), a ênfase no todo de maneira integral é conhecida como holística, organísmica ou ecológica. O jornalismo ambiental orgânico seria uma maneira de denominar a possível inserção de olhar afetivo para as questões ambientais e a natureza através do fotojornalismo, mobilizando aspectos comunicacionais sobre o se deixar afetar que conduzem ao se permitir transformar.

### **O fotojornalismo ambiental de Araquém Alcântara**

Ao utilizar um método do estudo de caso, ou seja, um estudo amplo e detalhado do livro fotodocumental Veredas (2014), de modo qualitativo e em profundidade, intencionamos perceber as minuciosas características e conhecimentos ali presentes – algo semelhante ao próprio pensamento orgânico enquanto método de análise. A ferramenta do estudo de caso é considerada, principalmente, em pesquisas de cunho social (GIL, 2008), a partir de algumas abordagens possíveis: (1) a exploração da vida social não visivelmente definida; (2) a análise e descrição do contexto abordado durante a pesquisa; e, em alguns casos, (3) a explicação prévia das possíveis variações do caso

e/ou fenômeno. O estudo de caso pode, ainda, servir como meio de análise para pesquisas explicativas, exploratórias e descritivas.

O livro em questão é uma obra que reúne poemas visuais responsáveis por trazer algumas relações que Alcântara desenvolveu com o sertão brasileiro, trazendo, por isso, elementos da sua relação com o fotojornalismo ambiental. A obra, publicada pela editora Terra Brasil, apresenta uma homenagem do fotógrafo para Guimarães Rosa, um importante escritor brasileiro. A fim de seguir os passos do livro Grande Sertão Veredas, Araquém percorre cenários do Cerrado, entre o norte de Minas Gerais e o sul da Bahia, registrando paisagens e personagens. Ao desenvolver um apelo que expressa a conexão sinestésica entre sujeitos e a natureza – em outras palavras, uma relação espontânea e com grande sincronicidade – o fotógrafo de natureza brasileiro narra o seu olhar ambiental que é lançado sobre o mundo através da imagem.

Ao analisar o trabalho do fotógrafo Araquém Alcântara, levamos em conta o fotógrafo enquanto um sujeito construído por meio de diversos fatores socioculturais externos e aprendizados internos, considerando o seu caminho e contexto de vida. A pesquisa baseia-se, também, em um estudo de âmbito exploratório que busca descobrir ideias e soluções para familiarizar um fenômeno pesquisado. No caso, busca explicar como as características do jornalismo ambiental estão presentes na fotografia, resultando na descrição do que configuraria o fotojornalismo ambiental e os aspectos do pensamento orgânico ali presentes.

**Figura 1** - Parque Nacional Grande Sertão Veredas, Minas Gerais



Fonte: ALCÂNTARA (2014, p. 2).

A primeira imagem traz um aspecto poético a partir da construção de um sentimento afetivo sobre a nuance opaca que aparece inteiramente na fotografia. Ao considerar que fotografar é desenhar com a luz, percebemos que Alcântara forma os traços visuais em formato de poemas, uma vez que esta imagem carrega especificidades artísticas semelhantes a uma obra de arte.

Assim, ao analisar os espaços preenchidos pelo fotojornalismo nessa imagem, a qual apresenta em sua composição o arranjo de diversas árvores próximas entre si e com registro realizado no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, em Minas Gerais, notamos a presença de um plano geral, como se Araquém estivesse observando a paisagem de longe, de fora, através de um olhar deslocado fisicamente, mas próximo no que diz respeito aos seus sentimentos com a natureza brasileira.

Tal sentido proposto abre espaço para a compreensão de características do jornalismo ambiental na imagem, pois constatamos traços do pensamento orgânico ao considerar que as árvores são vistas como partes de um todo unificado e interligado, propondo sentido restrito a elas, mas também levando o olhar para um quadro mais amplo sobre como elas estão dispostas na natureza, uma ao lado da outra. Essa ideia de uma visão sistêmica diante as árvores é proposta, principalmente, pelo plano geral e pelo ângulo no momento em que ambos propõem uma visão ausente da cena, com um olhar de fora, amplo e, portanto, sistêmico ao caracterizar o todo de forma contextual.

O primeiro contato com a fotografia direciona o olhar para as árvores dispostas à frente, onde há um foco maior da objetiva da câmera, nos conduzindo para o centro geométrico representado pelas outras árvores colocadas ao fundo em meio a neblina – constituindo uma hierarquia do olhar que é aprofundado na imagem. Nos intriga a iluminação presente na imagem, a qual é suave, representada pelo céu enevoado, com caráter de contra-luz que os mostra as nuvens na parte de trás e as árvores do parque na parte da frente. A partir do elemento contraditório presente nesses planos, decorre a repetição do objeto principal (a árvore), o que infere aspectos do jornalismo ambiental que apresenta a profundidade do conteúdo pela repetição e pluralidade de fontes, a fim de mobilizar para transformar. Ora, se temos o caráter repetitivo através das árvores e a presença de uma hierarquia que conduz o olhar para as partes inseridas em um todo unificado, o sentido da imagem traz o pensamento orgânico do jornalismo ambiental na composição fotográfica.

**Figura 2** - Claudio Gia, Macau, Rio Grande do Norte

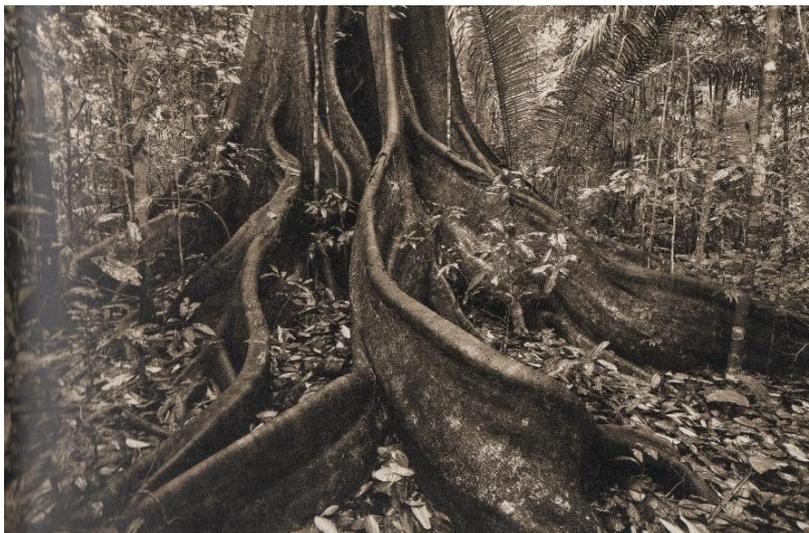
Fonte: ALCÂNTARA (2014, p. 6).

A segunda imagem apresentada nesta análise retrata um olhar humano em sua proposta de criação de sentido. Ao fotografar um olhar direcionado, especificamente, às lentes da câmera, Araquém dispõe, novamente, de um desenho fotográfico realizado por meio do plano geral, o qual se relaciona ao personagem principal, que, por sua vez, se inter-relaciona com o centro visual (os olhos) e o centro geométrico (o olhar). Assim, a composição entre luz e sombra é escolhida, havendo uma iluminação lateral disposta somente em uma face do rosto do homem fotografado, à esquerda da imagem, com o restante dispondo-se em caráter sombreado e escuro – o que, conseqüentemente, cria determinada tensão junto ao olhar.

O olhar, em específico, é construído por linhas implícitas e se relaciona com o jornalismo ambiental ao apresentar características de pluralidade de vozes ao identificar Claudio Gia, fotografado em Macau, Rio Grande do Norte. Considerando, primeiramente, que é um lugar desconhecido nas pautas comumente apresentadas pelo jornalismo em geral, somos levados a considerar o olhar instigante, questionar e intenso de Claudio, como se ele estivesse reivindicando os seus direitos através desse olhar – isto é, ocasionando um rompimento com paradigmas estabelecidos.

**Figura 3** - Mata de Tabuleiro, Linhares, Espírito Santo

Figura 3 - Mata de Tabuleiro, Linhares, Espírito Santo



Fonte: ALCÂNTARA (2014, p. 20).

A fotografia traz a beleza da Mata de Tabuleiro, localizada em Linhares, Espírito Santo. Nesse caso, Araquém propõe um enquadramento que dispõe o centro visual como as raízes da árvore, levando, posteriormente, o olhar ao restante da mata como o centro geométrico – isto é, o contexto em que as raízes estão inseridas. Na imagem, o fotógrafo desenha, mais uma vez, a natureza com a luz, pois propõe um sentido de que ela dança, coreografa e se movimenta através das linhas curvas que formam uma composição não estática. Além disso, as linhas também proporcionam uma leitura mais ativa da imagem, pois oferecem um desequilíbrio e uma intensidade de estímulos ainda maior ao dispor as raízes como se elas estivessem indo ao encontro do leitor, sugestionando a dominação da natureza sobre o humano. Dessa forma, a sabedoria das árvores, principalmente das antigas, como apresenta a fotografia, condiz com o pensamento orgânico no fotojornalismo ambiental quando prioriza a natureza em contraponto ao homem. Dessa forma, o ser humano deixa de ser o centro da narrativa, tornando-se apenas um elemento entre tantos outros que compartilham os espaços da Terra e alcançam um paradigma mais holístico e menos mecanicista de relação com o meio ambiente.

**Figura 4** - Fazenda Zabelê, Pantanal do Mato Grosso



Fonte: ALCÂNTARA (2014, p. 33).

Nessa fotografia, há equilíbrio e profundidade de campo, o qual se divide, visualmente, ao meio, em duas partes, sendo a primeira representada pelos pássaros e a segunda pela presença dos animais logo abaixo. Dessa forma, a repetição dos animais e dos pássaros proporciona a intensificação do sentido, o que pode se relacionar à ideia de liberdade dos animais que estão soltos, caminhando e voando em conjunto e voando, convivendo harmoniosamente (significado compreendido, principalmente, por meio da intensidade da luz, mais amena, calma e tranquila). Nesse sentido, o jornalismo ambiental é apresentado como uma cobertura engajada e envolvida com todas as partes da natureza, pois se considera que a natureza não compreende somente matas, árvores e raízes, mas, também, animais e como eles convivem (no caso, natureza é um estado de ser e estar). Ao entender os animais como partes inseridas no todo, notamos a presença do pensamento orgânico que leva em conta uma noção independente, olhando para os animais como natureza pura.

### **Considerações finais**

Ao fazer um recorte dos sentidos comunicacionais anunciados de acordo com os âmbitos do fotojornalismo e do jornalismo ambiental, compreendemos a presença de aspectos como a denúncia ambiental de práticas inconscientes, o retrato de olhares que expressam palavras silenciosas, a visão orgânica dos animais e o respeito diante a

natureza. Como fotógrafo andarilho, Araquém vai ao encontro dessas composições durante a prática de caminhar, de percorrer os quatro cantos do Brasil em busca de interpretações artísticas ou o que ele chama de poemas visuais. Como diz a introdução do livro *Veredas*, “é pelos pés sem fôlego, enveredando, que se chega à sabedoria, à intuição, aos domínios da metafísica” – características presentes nas suas fotografias.

Além disso, pensando em características específicas do jornalismo ambiental, notamos que a composição visual com diretrizes de denúncia ambiental se relaciona ao perfil engajado de um (foto)jornalismo que prioriza a cobertura ativista ecológica (BELMONTE, 2015). Dessa forma, tal característica presente na fotografia propõe um sentido que movimenta, inquieta e transforma o olhar sobre o meio ambiente, além de somente informar de maneira superficial. Há profundidade na relação entre fotografia e natureza, pois ambos, unidos afetivamente no suporte da imagem, expressam um caminho de transformação social e política, possibilitando o despertar para uma visão orgânica da vida.

O pensamento orgânico em jornalismo ambiental é compreendido a partir do ativismo ecológico, o qual se relaciona com a pluralidade de vozes, a qual se relaciona com a composição transformadora e assim por diante. Em outras palavras, as características do jornalismo ambiental são inseridas na fotografia de uma forma sistêmica e orgânica entre aspectos e fenômenos correlacionados entre si. Entendemos, então, que mesmo com os aspectos específicos do jornalismo ambiental incrustados às imagens, a maneira ampla e expansiva de perceber como elas estão justapostas em composições fotográficas diz respeito à visão orgânica. Assim, mesmo que pontos essenciais do jornalismo ambiental façam parte de um trabalho fotográfico, é a percepção orgânica, ecológica e sistêmica que oferece sentido à união entre fotojornalismo e jornalismo ambiental.

A sustentabilidade do olhar ocorre no momento em que a fotografia de caráter ambiental promove a denúncia e, conseqüentemente, a transformação da visão social sobre o meio ambiente, de forma a se manter presente nessa relação distinta entre retratar os desastres ambientais de uma forma crítica e o propósito de ocasionar uma retomada da percepção orgânica (transformação social/ativismo ecológico), partindo do pressuposto de que os seres humanos possuem a sua origem orgânica e a perdem durante a vivência da lógica industrial e capitalista. Portanto, no momento em que a sociedade desperta, novamente, a sua percepção ecológica e sistêmica sobre o mundo,

sobre o meio ambiente de maneira inquietante e afetiva, ocorre o fenômeno da sustentabilidade do olhar. Além disso, mesmo com as crises ambientais enfrentadas devido a primazia do elemento humano hegemônico, que provoca a necessidade de haver, num primeiro momento, uma fotografia de denúncia, entendemos que a imensidão da natureza permanece em constante resistência e mostra que outros caminhos são possíveis. Transformar é possível e a própria impermanência da natureza, representada por cachoeiras, mares, nuvens e rios, por exemplo, nos prova isso.

O fotojornalismo ambiental pode ser tido como uma fotografia que apresenta um olhar contextual da natureza, do ser humano, dos animais, da forma como todos estão inseridos no planeta e como dependem entre si para a sobrevivência – abordando, novamente, a concepção do pensamento orgânico. Fotojornalismo ambiental é a visão orgânica e artística da existência, apresentada, compartilhada e informada por meio da linguagem visual fotográfica, sendo capaz de mobilizar e transformar o mundo em que se vive.

## Referências

ALCÂNTARA, A. **Veredas**. São Paulo: Terra Brasil, 2014.

AURÉLIO. **Novo dicionário da língua portuguesa**: 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BELMONTE, R. V. **A construção do discurso da economia verde na revista Página 22**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, F. **O tao da física**: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 1983.

DOMINGUEZ, C. A. O silêncio dos afogados. O desaparecimento da população ribeirinha no noticiário sobre a construção da hidrelétrica do Garabi. **Razón y Palabra**, Equador, n. 79, 2012.

DOMINGUEZ, C. A. **O silêncio dos afogados**: o ethos jornalístico na complexidade ambiental e a formação de sentidos do acontecimento Garabi. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ELLER, J. Focos de queimadas na Amazônia crescem 30% em 2019. **O Globo**, 08 jan. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/focos-de-queimadas-na->

amazonia-crescem-30-em-2019-1-24176803>. Acesso em: 26 set. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDI, I. *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 34, 2012, p. 132-152.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2020.

SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1998. Disponível em: < [http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia\\_fotojorn1.html](http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html)>. Acesso em: 28 set. 2020.

WATANABE, P. Desmatamento na Amazônia cresce 183% em dezembro em relação ao mesmo mês de 2018. **Folha de São Paulo**, 14 jan. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/01/desmatamento-na-amazonia-cresce-183-em-dezembro-em-relacao-ao-mesmo-mes-de-2018.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2020.